

ENTREVISTA / Roberto Della Manna e Luiz Antônio Medeiros

Fiesp e metalúrgicos contra o redutor

ZELÃO RODRIGUES

SÃO PAULO — A idéia de se aplicar um redutor para preços e salários não deve ser posta na mesa de negociações entre trabalhadores e empresários. Tanto o Diretor do Departamento Sindical da Fiesp, Roberto Della Manna, como o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros, concordam que qualquer proposta antecipada poderá prejudicar os entendimentos.

O acordo deve nascer sem idéias preconcebidas, e o redutor é polêmico demais para ser lançado em debate, repetem ambos, como se tivessem firmado uma posição conjunta sobre o tema.

A parte essa concordância, Me-

deiros e Della Manna desenvolvem análise diversa sobre o atual momento, ainda que convergente. Medeiros é otimista. O acordo, para ele, deve ser um esforço de retomada, de reconstrução do País.

Della Manna vê o entendimento como uma medida de emergência, para evitar o caos. Ambos responderam a uma série de perguntas, feitas pelo GLOBO, sobre o atual momento e a possibilidade de acordo.

O GLOBO — O que mudou no País para se voltar à discussão de um acordo?

MEDEIROS — O País não aguenta uma inflação de 25%. Inflação e recessão, juntos, representam o perigo maior, que leva à destruição das forças produtivas do País. E os mais prejudicados nessas circunstâncias são sempre os trabalhadores. Agora a sociedade está assumindo a condução dos seus problemas, e entende que a luta contra a inflação tem de ser de todos.

DELLA MANNA — Não mudou nada, continua uma situação muito difícil para empresários e trabalhadores. O crescimento da inflação nos levou ao diálogo, a aproximar pontos convergentes e a tentar diminuir a distância dos pontos divergentes.

O GLOBO — Como o Governo deve participar desse acordo, é possível um entendimento sem o Governo?

MEDEIROS — O início desse acordo deve ser feito entre nós mesmos, trabalhadores e empresários. Mas é claro que o Governo tem que partici-

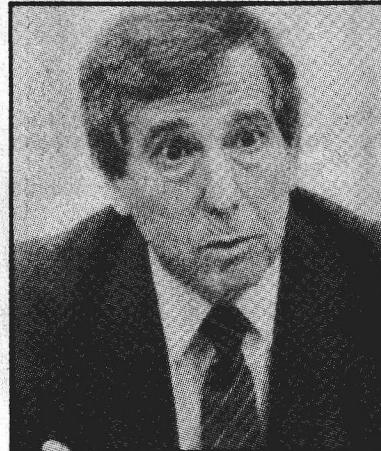
par, porque executa a política econômica.

DELLA MANNA — Somente na primeira parte é que o Governo não estaria participando. Assim que tivéssemos alinhavado um possível acordo, o Governo seria chamado a participar, não como árbitro, porque já tentou isso e não deu certo, em situação mais favorável. Nas discussões devemos ter duas partes: a primeira entre trabalhadores e empresários; a segunda com o Governo e a classe política.

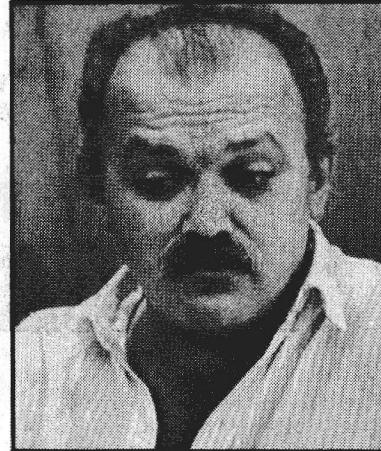
O GLOBO — É possível trabalhar-se com um redutor, um número programado para conter a inflação?

MEDEIROS — Devemos ir para a mesa de negociações sem preconceitos, sem idéias preconcebidas, sem compromissos anteriores, com lealdade, olhando para o futuro.

DELLA MANNA — Não existem números programados. O objetivo é baixar ou pelo menos manter a inflação em patamares suportáveis, sem posições preconcebidas.



Della Manna e Medeiros: unidos nos entendimentos para conter a inflação



O GLOBO — A atual crise econômica não exigirá um despojamento maior de quem pretende solucioná-la?

MEDEIROS — O Brasil é um país viável. Temos saída para essa crise. Nossa País não tem neve, nem grandes catástrofes. Está destinado a ser grande. É preciso que os de cima ajudem quem queira ajudar na solu-

ção. É claro que as soluções não são fáceis, mas vamos dividir as contas. Deixar de jogar para a platéia, esquecer posições pessoais. É preciso grandeza. Há soluções, é preciso, repito, coragem.

DELLA MANNA — A situação hoje é de risco. Estamos vivendo sobre um barril de pólvora. Com esse processo inflacionário, a economia não

suportará muito tempo. Precisamos de medidas rápidas e é melhor que elas sejam escolhidas de comum acordo entre os agentes sociais a vivermos uma nova recessão, com medidas impostas, que até hoje nada solucionaram.

O GLOBO — Como explicar a inoperância da URP?

MEDEIROS — Foi um instrumento criado para um processo de inflação decrescente ou de estabilidade. Hoje, sua manutenção representa uma defesa contra essa mesma inflação.

DELLA MANNA — Nós aceitamos a URP como mais uma imposição vinha do Governo, sem que nós, empresários e trabalhadores, tivéssemos tido oportunidade de opinar sobre o que nos dizia respeito, diretamente. Hoje considero a URP um mal necessário pois minimiza, no momento, o choque social.

O GLOBO — Esses mecanismos artificiais são a melhor forma de resolver a crise?

MEDEIROS — A melhor forma de

solucionar essa crise é todos acreditarem na força deste País. Na capacidade de trabalho do seu povo, na criatividade de todos, na conjugação de esforços, na divisão das contas.

DELLA MANNA — Não, porque se fossem já estaria tudo resolvido. Continuo acreditando que o melhor são as regras do livre mercado.

O GLOBO — Como se explica que a greve deixou de ser um fantasma entre capital e trabalho?

MEDEIROS — Há, por parte do empresariado, um melhor entendimento das partes e o reconhecimento de que a mesa de negociações é o local mais apropriado para se solucionar os problemas de capital e trabalho. Aqueles que insistiam em radicalizar e usar o artifício da greve pela greve ficaram para trás na evolução.

DELLA MANNA — O amadurecimento das partes e o reconhecimento de que a mesa de negociações é o local mais apropriado para se solucionar os problemas de capital e trabalho. Aqueles que insistiam em radicalizar e usar o artifício da greve pela greve ficaram para trás na evolução.